

O ensino decai

Lamentamos, mas é impossível deixar de aceitar, o controle governamental das anuidades escolares. Vimos que, infelizmente, esse setor não está preparado para a economia de mercado nem para as responsabilidades sociais ditadas pela natureza da atividade que exploram. Aumentos de 400 por cento em um só mês, como se verificaram há pouco, não têm explicação à luz da realidade econômica do País. Nem à luz dos próprios custos das escolas, como o testemunha o Ministério da Educação.

A questão do ensino é um dos embaraços mais sérios, no momento, ao desenvolvimento do País. O ensino público não é competente, além de não dispor de cobertura capaz de fazê-lo substituir o ensino privado. Este, por sua vez, não revela sensibilidade social e se torna cada vez mais elitista. Alguns candidatos a Presidente, valendo-se de um quadro psicológico favorável, discursam a estatização, mas sabemos ser ela inviável num País cujo Estado, além de não ter recursos, não desenvolveu ainda capacidade para administrar. Não estatizar importa a necessidade de controlar rigidamente, até ditando o valor das anuidades, o que é pernicioso para a opção pela livre iniciativa. Mas, no momento, é o que tem de ser feito.

Dadas as circunstâncias, julgamos que a intervenção não deva restringir-se

aos preços mas vá também, e profundamente, à qualidade dos serviços prestados. O ensino privado está fracassando, tal qual o ensino público, na sua obrigação de ensinar. Baixos salários vêm determinando a redução da qualidade do corpo docente e, o que é ainda pior, vêm liberando a docência para converter-se em instrumento de ação política. Basta ver-se o diálogo que travam em salas de aula alunos e professores para se concluir que estamos todos andando numa direção perigosa. A escola perdeu, ou está perdendo celeremente a consciência da sua responsabilidade para com a formação integral do homem. Há uma perda generalizada dos valores éticos.

Entendemos que a solução dos problemas que se apresentam no momento, desde os financeiros até os educacionais, não está nem no Estado nem nas próprias escolas. A solução há de ser produzida pela sociedade, neste ato representada pelos pais de alunos. São eles que devem assumir a liderança do processo educacional participando ativamente dele e estabelecendo-lhe as regras. Os pais de alunos devem tomar conhecimento daquilo que seus filhos estão ouvindo e aprendendo e, organizadamente, devem impor a mudança que urgentemente precisa ser ditada ao ensino no País. Sob pena de cessar toda a esperança que, já com certo ceticismo, ainda depositamos no nosso futuro.